



Noite

Por: Beatriz Oliveira

digite aqui

À Noite sinto a criatividade a correr-me nas veias. Sinto necessidade de escrever e tentar fazer com que me entendam. Ou então de arrumar, ou estudar. Enfim, distrair-me, penso eu.

A minha cabeça não pára, sinto que a qualquer momento vou desatar aos berros, sinto que tenho tanta coisa para dizer e não digo nada.

Preciso de tirar estes pensamentos, estas palavras nunca pronunciadas dentro de mim. Ultimamente tenho pensado muito, principalmente numa frase da professora de português " se as pessoas fossem adolescentes para sempre, toda a gente seria escritor ".

Estive algum tempo a meditar sobre o assunto, até que me deparei com a resposta mais simples: a escrita envolve e necessita de emoção. O que é que os adolescentes têm para além deste sentimentos todos distorcidos ?

Gostava de poder gritar ao mundo o que sinto, tirar esta pressão dentro de mim. Quero tanto falar, tenho tanta coisa acertada para dizer. Preciso de alguém que me consiga ouvir. E quando digo alguém que me consiga ouvir, estou a falar de ouvir o verdadeiro significado das minha palavras e das metáforas lá escondidas.

Quero a tua companhia e quero que me escutes. Quero que ouças com atenção os pormenores todos. Os meus sonhos, as minhas expectativas, o que eu quero para o meu futuro, os meus problemas banais.

Quando falo dos meus sonhos só me ocorre uma possível imagem. Ter alguém ao meu lado para amar e ser amado. O amor não é devidamente valorizado. Encontrar alguém para partilhar o nosso quotidiano é algum extremamente maravilhoso. Puta merda, é tão bom ter alguém presente. Esse é o meu grande sonho, que alguém consiga aturar os meus medos, as minhas ansiedades, o meu amor pelas coisas mais parvas, o meu choro a meio da noite.

Quando vejo alguém a chorar tendo a pensar que não é nada sério. Pois está claro que não nada sério, não é comigo. O ser humano é tão egoísta. Não critico, porque talvez quem decidiu os valores morais não o devia ter feito desta forma.

Nós devemos assumir um papel egoísta face aos outros. Só assim conseguimos atingir a felicidade própria. A felicidade própria é sobrevalorizada. Para sermos felizes temos de abdicar de tudo o que mete no nosso caminho. Outro noite, outras lágrimas. É um efeito colateral da felicidade.

Quando a felicidade se esgota, é impossível não chorar não recordar aquele tempo. Vamos querer sempre tudo de volta. Vamos querer voltar atrás no tempo como se acreditássemos que isso é possível. Depois deitamo-nos na esperança de adormecermos e deixamos ir um pedacinho de tudo o que nos pesa na consciência.

Deito-me e lembro-me das tardes aqui passadas. Eu tocava-te, tu tocavas-me. Querias o meu corpo, querias conseguir dominar-me por completo. Querias amar-me e conseguir demonstrar o teu amor. Ou então eras só um adolescente à procura de uma rapariga para levar para a cama.

Deito-me e lembro-me das tardes aqui passadas. O meu suor maluco no meio dos nossos corpos. Pele com pele.

Finalmente permitiste que alguém visse o teu corpo. Detalhe por detalhe. Esse teu sinal aqui e ali, a marquinha das estrias, a tua personalidade magoada. Deste tudo o que tinhas, não restava mais nada. Era isto. E agora perdeu-se o interesse? Agora é tarde de mais para o interesse ser perdido, não há volta a dar. Mas a idade não permite que ele o veja.

Respiração ofegante, das-me a mão e dizes como quem acreditava verdadeiramente "eu estou aqui, diz-me se quiseres parar". Parecia tão correto e agora estás aí a tentar convencer-te de que agiste bem. Talvez tenha sido a coisa certa a fazer, talvez não. Agora não importa e temos de deixar de pensar nisso e escrever, escrever, escrever até que as mãos douam.